

A Propósito de um pintor

Mozart Janot Júnior

Acaba de voltar da Europa o pintor Athos Bulcão, que viajou cerca de um ano por terras do chamado Velho Mundo. É, talvez, com alguma perplexidade que terá ele reconhecido esse amarelado de mormaço de uma manhã a entrar na nossa baía de Guanabara, e esse também exuberante arvoredado do Rio, mutilado, que se alastra por trás dos edifícios e entre morro ou pedreira e o mar em toda parte; e as casas da cidade, revistas com o olhar invadido de memórias: esse talvez que tem um carioca ao contemplar tal rua, hoje de prédios de nome exótico e de dez andares ou doze e possuir essa mesma rua contemplada no mais – que – perfeito, tempo em que se levantava uma arquitetura de finalidade menos ambiciosa, mais na medida, porém, de um possível nosso sentimento da vida, e ainda mais de uma infância onde haveria em torno alguma terna folhagem escura, certamente, mangueiras perto e sempre um lento entardecer.

Recente, uma visão da França e da Itália. Um roteiro por excelência e a paisagem ilustre, essa sábia paisagem que tem revelado os segredos da sua composição a mais de um nome eleito transformado para nós já em legenda: legenda e promessa escritas em uma língua cuja essência é uma luz implacável a desnudar todo um alfabeto de valores, precisando cor e pureza, sombra e forma e linha, volumes vários e proporção; profundidade e ritmo, espaço.

A maior parte dessa estadia passou-a em Paris, e a sua bolsa de estudos, concedida pelo governo francês, permitiu-lhe seguir cursos de litografia na Ecole des Beaux-Arts, ao mesmo tempo que diariamente trabalhava em modelo vivo, esse cotidiano de pesquisa de um artista plástico, na grande Chaumière, em outros ateliers ou ainda particularmente. Desse convívio com Paris uma profunda impressão há de ter-lhe ficado, e ele próprio confessa que a densidade das emoções e o seu deslumbramento constante não provinham exclusivamente dos museus visitados muitas vezes com certa perplexidade ante a escolha do interesse mais intenso: era da cidade toda, diz ele, da sua luz criadora, do seu conjunto inigualável e mais, esse imponderável do seu clima espiritual, do seu ar; uma imediata e lúcida euforia que a cidade outorga a quem sabe ama-la, e que não é certamente aquela de turistas e do champagne da Rive Droite.

Ainda em Paris teve Athos Bulcão a satisfação de ver premiado um trabalho seu – mais exatamente um croquis executado em concurso, no Théâtre Universitaire – e evidentemente certas condições e certas perspectivas dão realce e esse discreto triunfo: a começar pelos nomes do júri e o anonimato da competição em que concorriam mais de trezentos artistas, anonimato, aliás, condição natural de um bolsista brasileiro na grande cidade – encruzilhada.

A Itália foi uma visão mais rápida, não menos intensa, porém. Primeiro Veneza e o contato com uma pintura e com uma cidade de esplendores hoje em silêncio. Depois a Toscana e a Umbria e uma visão para sempre dos nomes cimabue, giotto, Masaccio, Piero della Francesca, e desse momento de Graça entre os homens, a

cidade de Florença. E Roma; Roma, a sede, a urbs imperial e papal, cidade de glórias passadas e de grandezas vivas.

Ao voltar ao Brasil, Athos Bulcão diz ainda não ter projetos definidos; mas uma considerável urgência em trabalhar, pintar principalmente. Procurando estabelecer um conjunto de suas experiências – desde a primeira e decisiva entrega aos estudos de uma plástica e de uma técnica por conseguir – é do seu aprendizado com Cândido Portinari que ele reconhece provir o lastro de conhecimentos que o conduzem ao domínio de uma linguagem pictórica fluente, de meios sólidos. Quanto aos seus primeiros experimentos, afirma ele atribuir esse valor exclusivamente de etapa e de “metier” – opinião a ser posta em discussão diante de certas características e mesmo qualidades, que viriam se desenvolvendo mais tarde e que podiam no entanto ser notadas já em trabalhos seus de época recuada; honestidade profissional, visão pessoal; liberdade de desenho, sentido do espaço a ser criado e de solidez a conferir ao objeto; sentido do decorativo, de suas possibilidades e de seus perigos.

Foi esse caminho de aprendizado e de experiências reflexiva que ele se certificou dessa humilde e ambiciosa convicção de que querer dizer exige saber dizer; de que realmente não existe assunto pobre, em pintura, mas sim processos gastos ou insuficientes. E, nessa base, criticando com severidade certas tendências em trabalhos seus, Athos Bulcão invocou uma ascesse constante que passaria desde então a ser seu objetivo como atitude artística, e determinadas “féeries” ilícitas de uma imaginação poderosa e inquieta seriam abolidas conseqüentemente para dar lugar a um mais autêntico sentido do féerico do objeto em suas cores e formas. Não significará isto, no entanto, que ele tivesse abjurado a determinados elementos permanentes em sua preferência, desde que fossem eles justificados, transpostos através de uma satisfatória realização na obra de arte. Ele gostaria, talvez, de repetir certa palavra, a de um grande pintor e grande artista: - “Il fallait changer la nature non seulement matériellement et du dehors, mais aussi du dedans, idéologiquement, sans craindre de ce qu’on a appelé “la littérature” – “. Esta frase de Marc Chagall, se não termina discussões em torno de um problema, serve pleno, entretanto, para coloca-lo em termos e acima de julgamentos e informações insuficientes.

Se essa viagem á Europa representa um marco no itinerário representa um marco no itinerário de Athos Bulcão a volta se impunha dentro dele indiscutível como uma saudade e obscura qual fidelidade a uma terra que ele sente sua, exclusivamente; prestígio interior e profundo de uma paisagem que ele ama, feita de riquezas excessivas e de pobreza irreparáveis, de um barro amorfo e forte, de claridades ásperas; cujo pitoresco freqüente encobre ás vezes tal espaço inédito que ele sonha um dia encontrar e transformar em paisagística.